

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E ENSINO PRESENCIAL: CONVERGÊNCIA DE TECNOLOGIAS E PRÁTICAS EDUCACIONAIS¹

Luiz Antônio da Rocha Andrade²; Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira³

Grupo 2.3. *Docência na Educação a Distância: profissão docente, coletividade e condições de trabalho*

RESUMO:

O presente trabalho é o resultado da pesquisa sobre educação a distância e ensino presencial buscando levantar junto a docentes do Instituto Federal de Santa Catarina que trabalham nas duas modalidades as possíveis transferências de enfoque metodológico entre uma e outra. Professores que atuam em instituições de ensino, que aderiram aos dois macros programas federais em desenvolvimento no Brasil - a Universidade Aberta do Brasil e o Ensino Técnico à Distância - E-Tec Brasil, vivenciam a cultura do ensino presencial e a cultura da educação a distância. Com base em análise bibliográfica, entrevistas e questionários aplicados com docentes do Instituto Federal de Santa Catarina, este estudo demonstra que práticas e conceitos da educação a distância estão convergindo para o ensino presencial e formando metodologias híbridas e mescladas com as tecnologias da informação e comunicação.

Palavras chaves: *educação a distância, ensino presencial, tecnologias de informação e comunicação, tecnologia no ensino superior.*

ABSTRACT:

DISTANCE EDUCATION AND CLASSROOM TEACHING : CONVERGENCE OF EDUCATIONAL TECHNOLOGIES AND PRACTICES

The present work is the result of a distance education and classroom teaching research developed at the Federal Institute of Santa Catarina - Florianópolis Campus. It brings the opinion of teachers, who work in these two modes of education, about the possible transference of the methodological approach between them. Teachers who work in educational institutions that joined the two macros programs under development in Brazil - Brazil Open University and Distance Education Forum - E-Tec Brazil, experience both cultures. Based on literature review, interviews and questionnaires with teachers from the Federal Institute of Santa Catarina, this study demonstrates that practices and concepts of distance education are converging to classroom teaching and forming hybrid methodologies and merged with the technologies of communication of information.

- 1 Agência de Financiamento: CAPES
- 2 Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - luiz@ifsc.edu.br
- 3 Professora Livre Docente da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – eaguiar@unicamp.br

Keywords: *distance education, classroom teaching, information technology and communication.*

1. Introdução

Este é o ano 2012 e ao olhar para trás no tempo, fica-se perplexo com o tanto de avanços tecnológicos que a humanidade conquistou. Ao olhar para frente, as mentes se encherão de interrogações sobre o que mais poderá ser criado, descoberto e transformado. Com base no conhecimento pretérito e presente tenta-se delinear o futuro; às vezes acerta-se, outras erra-se.

E é assim, nesse movimento temporal, que a sociedade hodierna se lança para tentar entender as mudanças globais advindas da criação e evolução das tecnologias de comunicação e informação: as TICs. Com perplexidade, observam-se as invenções nesse campo se multiplicando a cada ano, a cada mês e a cada dia e avançando sobre todas as atividades humanas.

Muito longe de ser uma exceção, a educação formalizada nas escolas, institutos de educação e universidades, configura-se em mais uma dessas atividades afetadas pelo avanço das TICs. No universo daquilo que é chamado de educação formal, a educação a distância (EaD) é a representação do uso intenso de TICs no processo de ensino e de aprendizagem.

Com a incorporação das novas TICs e seguindo uma tendência mundial, a EaD, vista sob a ótica da legislação brasileira está, atualmente, sendo tratada como uma política de Estado voltada à cobertura educacional do extenso território nacional. Para o Brasil, país de dimensões continentais é um caminho possível para a tão almejada democratização da educação.

Com a expansão da rede de EaD no Brasil, tem-se observado um outro fenômeno: as experiências com as TICs na EaD estão estimulando mudanças nas práticas pedagógicas da educação presencial. Dito de uma outra maneira e nas palavras de Tori (2010, p.28): “Aos poucos, os recursos e as técnicas destinados inicialmente à educação eletrônica virtual foram sendo descobertos e aplicados pela educação convencional”. O que consiste dizer que, em parte, essas experiências são trazidas por professores que atuam na EaD e se sentem motivados a melhorar o desempenho no ensino presencial.

A EaD, ao contrário do que normalmente é pensado, não é um produto das tecnologias atuais de comunicação e informação como a Internet e as transmissões de imagens via satélites. Segundo Nunes,

A primeira notícia que se registrou desse novo método de ensinar a distância foi o anúncio das aulas por correspondência ministradas por Caleb Philips (20 de março de 1728, na Gazette de Boston, EUA), que enviava suas lições todas as semanas para os alunos inscritos. Depois em 1840, na Grã-Bretanha, Isaac Pitman ofereceu um curso de taquigrafia por correspondência (2009, p.2).

Se considerar as experiências dirigidas com essa finalidade, a EaD existe no

Brasil desde de 1904 com a instalação de uma organização norte americana, as chamadas Escolas Internacionais, que oferecia cursos profissionalizantes por correspondência (Alves, 2009). A partir da década de 1920, com o advento da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, inaugura uma outra fase da EaD no Brasil que foi a educação popular pelo sistema, na ocasião revolucionário, de difusão via rádio (Alves, 2009).

Com o desenvolvimento vertiginoso das tecnologias de comunicação, a educação a distância tomou outras proporções. Além da radiodifusão, da televisão, das fitas áudio e vídeo, foram inseridas outras ferramentas como o computador e a Internet. Agregado a esses dois últimos, os ambientes virtuais de aprendizagem - mas conhecidos como AVAs, softwares dirigidos para gerenciar as atividades de ensino pela internet - são considerados os responsáveis por várias experiências bem sucedidas realizadas na EaD. Instituições brasileiras como a UNICAMP, por exemplo, já são referências nessa modalidade de educação, inclusive com o desenvolvimento de um AVA própria, o TelEduc.

Um rápido olhar, assim, sobre a história da EaD é possível perceber que esta modalidade de educação sempre esteve mais propícia ao uso das tecnologias de comunicação do que o ensino presencial. Ao cruzar a história das duas modalidades, a EaD, até o presente momento, soube tirar mais proveito dos avanços tecnológicos como o rádio, a TV, o computador, a Internet e seus subprodutos. Por outro lado, o ensino presencial se manteve, pra não dizer conservador, mais cauteloso quanto ao uso desses recursos.

O objetivo da pesquisa foi o de analisar quais as novas práticas de ensino e novas tecnologias estão convergindo da educação distância para o ensino presencial. Para buscar as respostas, procedeu-se com uma análise da literatura atual que abordam o tema. Como trabalho empírico, fize-se um estudo de caso no Instituto Federal de Santa Catarina - Campus Florianópolis. Essa instituição oferece cursos presenciais e cursos a distância dentro dos programas federais. Escolheu-se como sujeitos da pesquisa os professores que atuam tanto no ensino técnico a distância (E-Tec Brasil) como no ensino técnico presencial.

2. Da origem restrita na educação a distância ao uso cotidiano na educação presencial

Pesquisas recentes demonstram que as duas modalidades de educação estão se aproximando de um modelo híbrido que integre o que há de bom do ensino presencial com as inovações da EaD, tese que é defendida por Tori(2010), Luzzi(2007) e outros pesquisadores da educação. Pode-se dizer então que essa mistura é ou será mais intensa no âmbito das instituições que oferecem simultaneamente as duas modalidades de ensino: presencial e a distância. No Brasil, devido ao lançamento dos programas Universidade Aberta do Brasil (UAB) e a Escola Técnica Aberta do Brasil (E-Tec), algumas instituições já vivenciam essa realidade.

Para Moreira (2009, p.370):

A EAD, em contraposição a educação presencial, possui, durante parte de sua história, uma trajetória própria, sem que, em toda ela, tenha tido intersecções diretas na educação presencial, vindo a convergir por ocasião da disseminação de estudos e de discussões do uso, do papel e do impacto da rede mundial nos processos de ensino-aprendizagem, tanto em atividades de apoio presencial como a distância.

A adesão aos dois macros programas brasileiros se fez fortemente entre as instituições que compõem a rede federal de ensino, tais como universidades e institutos de educação tecnológica. Dentre essas instituições, os Institutos Federais de Educação Tecnológica que são instituições centenárias e tradicionalmente oferecem cursos técnicos profissionalizantes na modalidade presencial.

Do ponto de vista histórico, com a adesão aos programas federais de EaD, os Institutos Federais rompem, em um primeiro momento, com a centralidade no ensino presencial. Inicia-se uma nova etapa na história do ensino técnico profissionalizante. Já não é mais só o ensino presencial, a EaD entrou como mais uma alternativa para a expansão da rede federal de educação. Esse é um terreno fértil para que, numa escala institucional, essas duas modalidades de ensino- presencial e a distância- conversem e se relacionem.

Entre as instituições de educação federal, o Instituto Federal de Santa Catarina (IF-SC) - Campus Florianópolis - passa por um momento em que alguns docentes vivenciam as duas realidades: o ensino presencial e a EaD. O cenário indica que as duas culturas educacionais - o ensino presencial e a EaD - estão caminhando rumo a uma convergência de tecnologias e práticas educacionais. Novas tecnologias estão surgindo e aumentando a capacidade de interação entre aluno e professor, mesmo a distância. Assim, é interessante verificar se e como os cursos técnicos presenciais do IF-SC estão intensificando o uso das TICs.

É possível supor que essa esperada convergência não se configure apenas como uma incorporação de tecnologias nos cursos técnicos presenciais. Ela poderá trazer, ou já está trazendo, diferentes didáticas, diferentes abordagens pedagógicas, novas atribuições e novos desafios.

No centro dessa convergência está o professor que é desafiado a dominar novas tecnologias, dialogar com profissionais de outras áreas, adaptar materiais didáticos a linguagem multimidiática, ter versatilidade diante das mudanças e desconstruir conceitos relacionados a cultura do ensino presencial.

Se de um lado tem os educadores se adaptando a esse novo cenário tecnológico, do outro tem a EaD tentando se parecer cada vez mais com o ensino presencial. Tem-se visto ambientes virtuais de aprendizagem cada vez mais parecidos com salas de aula e tecnologias de ponta usadas para aumentar a capacidade de interatividade entre aluno e professor diminuindo a sensação de distância. Luzzi (2008) cita que na China os professores publicam nos ambientes virtuais de aprendizagem

imagens com suas famílias e fotos mostrando relacionamentos afetivos para tornar o ambiente virtual mais humanizado.

No passado tinha-se duas modalidades distintas de educação que pareciam seguir por caminhos paralelos coexistindo sem perspectivas de fusão: de uma lado a EaD com sua metodologia um tanto questionável e, do outro, a educação presencial com poucos recursos e resistente a mudanças. Nas últimas décadas, no entanto, elas estão se aproximando ao ponto de se supor que no futuro vão se encontrar e, deste encontro, surgirá uma modalidade híbrida de educação.

No entanto, algumas barreiras podem retardar este processo, entre elas pode-se destacar a ideia disseminada de que o público atendido pela EaD precisa ser disciplinado e autônomo nos estudos. Embora não seja um pré-requisito oficial usado na seleção de alunos, está presente no discurso dos professores e de gestores de cursos de EaD.

Essa condição, que para alguns pode ser traduzida como “capacidade de autogestão” e para outros como “autonomia para estudar”, parece ser endêmica à EaD. É uma característica marcante dos antigos modelos de EaD (principalmente do período da correspondência) no qual o aluno tinha raríssimas chances de interagir com o professor (se é que ele existia) e nenhuma possibilidade de interagir com os demais alunos. O assincronismo do método era marcante. O sujeito se via isolado, por isso tinha que estar muito motivado, ser dotado de muita autonomia intelectual e ser organizado para prosseguir e concluir os estudos.

No atual cenário, “autonomia” deixa de ser uma condição e passa a ser uma possibilidade. A entrada das TICs na EaD vem no sentido de quebrar o isolamento do aluno, que era típico dos antigos métodos.

Koslosky (2004), ao trabalhar na sua tese sobre comunidades virtuais de aprendizagem, defende que as redes de computadores podem proporcionar às pessoas a autogestão e a aprendizagem autônoma, mas ele vai buscar nos estudos de Jean Piaget a ideia de que “autonomia” não deve ser confundida com isolamento. Diz ele: “Os estudantes precisam trocar ideias, argumentar, participar de discussões em grupo para tornar o aprendizado significativo dentro do contexto social” (KOSLOSKY, 2004, p.18). E conclui dizendo:

A obra piagetiana discute em profundidade a questão da autonomia e seu desenvolvimento. Para ele os conceitos de cooperação e autonomia estão diretamente relacionados, pois para que a autonomia se desenvolva é necessário que o sujeito seja capaz de estabelecer relações cooperativas (KOSLOSKY, 2004, p.45).

Deve-se pensar “autonomia” não enquanto condição para a EaD e sim como uma qualidade a ser promovida por ela. O ensino presencial também exige, sob certa medida, a autogestão por parte do aluno, mas não se pode esperar que ele venha para a escola pronto, dotado em plenitude de autonomia. É ali, na escola, que vai desenvolver essas qualidades.

Entendendo que autonomia e autoregulação, se não sinônimos, são pelo

menos características muito próximas uma da outra, é mais que oportuna a contribuição dos autores Rosário, Núñez e Pienda (2010, p.127) quando dizem:

A autoregulação não pode ser encarada categoricamente como um traço que os alunos possuem ou não. Pelo contrário, envolve a opção seletiva de processos específicos que podem ser utilizados em tarefas concretas de aprendizagem(...).A promoção dos processos de autoregulação é importante porque uma das funções prioritárias da educação é o desenvolvimento de competências de aprendizagem ao longo da vida. Após saírem da Universidade, os jovens profissionais necessitam de continuar a aprender e a aplicar os conhecimentos aprendidos a novos contextos.

Se os educadores se mantiverem ancorados na ideia de que capacidade de auto-regulação ou autonomia é pré-requisito para se estudar na EaD, isso irá refletir e restringirá em muito a aplicação das TICs no ensino presencial. Um outro olhar é possível: as TICs podem ajudar no ensino presencial, não como fator de isolamento e individualismo, mas como promotora de estratégias de aprendizagem, estimulando a autonomia e a auto-regulação numa perspectiva coletiva e de compartilhamento de conhecimento.

A necessidade de estimular a interação não é exclusividade nem da EaD e nem do ensino presencial. Ela é inerente ao processo de ensino-aprendizagem e, em geral, é uma atribuição que absorve uma considerável fatia do tempo e da energia do professor. Se em sala de aula já é um desafio estimular a participação dos alunos, na EaD o desafio é ainda maior, mesmo considerando todos os mecanismos de interatividade disponíveis.

O trabalho da tutoria na EaD, por exemplo, já é uma maneira, entre outras, de auxiliar o professor a estimular os alunos no uso dos mecanismos de interatividade. Na troca de experiências da EaD com o ensino presencial, o tutor na prática deixa de existir. Em outras palavras, quando o professor experimenta bons resultados no uso das TICs na EaD e se sente encorajado a experimentá-los no ensino presencial, ele deve estar ciente que no ensino presencial não encontrará as mesmas condições (tutor, web design, operadores de áudio e vídeo) que são próprias da EaD.

No IF-SC, além da tecnologia, processos usados na EaD convergem também para o ensino presencial. Um deles é a elaboração de material didático para os cursos na modalidade EaD. Criar novos materiais didáticos implica em realizar pesquisa de conteúdos significativos, escolher o melhor meio de difusão e a melhor linguagem de apresentação mantendo, inclusive, a integridade dos direitos autorais. Às vezes, o material didático não necessariamente será apresentado em meio digital porque os programas de EaD no IF-SC, ainda utilizam material impresso (apostilas) como suporte da aprendizagem.

A produção de material didático é mais uma atividade que pode sobrecarregar o professor, no entanto ela não deve ser vista como um peso, pois é parte integrante do processo de ensino propriamente dito. O fato é que na EaD o padrão de exigência



na produção de material pode, por vezes, fugir à capacidade técnica do docente. Conforme Lucena e Fuks (2000), para produzir material didático atraente o professor de EaD precisa do auxílio de uma equipe de profissionais especializados, sem essa ajuda não há como alcançar os níveis de qualidade das grandes mídias que concorrem com a educação. No entanto, uma vez produzido, esse material pode ser aplicado em muitas outras turmas, o que leva o esforço do professor ter um bom retorno.

O trabalho em equipe multidisciplinar visando a produção de material revitaliza o diálogo entre professor e equipe pedagógica. A distância entre docente e pedagogos numa outra instituição de ensino pode até não ser tão grande, mas no IF-SC ela ganha proporções porque, de um lado, tem a equipe pedagógica formada por supervisores, orientadores e psicólogos educacionais e, do outro lado, um corpo docente formado, na sua maioria, por engenheiros e técnicos. Ali o trabalho dialógico é imprescindível.

Entende-se ainda, que o trabalho dialógico não se encerra na equipe pedagógica, mas faz parte de um processo mais amplo de cooperação que na EaD tem uma forte expressão. Profissionais de diferentes áreas dialogam e canalizam suas habilidades para o fim do processo ensino-aprendizagem. Visto por este ângulo, o professor não está perdendo espaço, ele está ganhando experiência e aprimorando sua função educativa.

Há fortes indícios de que o trabalho dialógico e cooperativo está convergindo da EaD para o ensino presencial. Pelo menos no IF-SC - Campus Florianópolis - este é o cenário que está se desenhando e ele se encaixa perfeitamente nas mudanças no papel do docente: professor Mediador, incentivador, agente transformador, aberto a novas experiências, aspectos constituintes da prática corrente na EaD. Contudo, no ensino presencial elas ainda se mantêm mais no discurso.

No ensino presencial as fronteiras entre ser um professor mediador e ser um professor repassador de conteúdo ainda não estão muito claras. O que é ser mediador quando se da aula com livro didático, lousa e giz? No ensino presencial é muito comum trazer conteúdos em slides e projetá-los no telão para discutir com os alunos; isso é ser mediador, mas é também ser repassador de conteúdo.

Na EaD as diferenças ficam bem delineadas porque, de um lado, tem as telemáticas que cumprem bem o papel de disponibilizar conteúdos e conhecimentos e, do outro lado, tem o trabalho multidisciplinar de profissionais que auxiliam o professor na produção de materiais didáticos - entre esses dois lados, está o professor com a missão de mediador. No IF-SC, a experiência dos docentes com o E-Tec e, de forma geral, com a EaD, está contribuindo para dissipar as dúvidas e evidenciar a diferença entre professor mediador e professor conteudista.

Conforme Peixoto (2009) é importante desmistificar, entretanto, que as tecnologias vistas como ferramentas e o professor como mediador simplificam o trabalho docente. Essa não é bem a realidade. As tecnologias podem trazer mais qualidade, dinamismo e motivação para o ensino presencial, porém elas trazem junto a complexidade para o trabalho docente. Um exemplo é a necessidade de um planejamento de aula muito mais detalhado e com bom aproveitamento do tempo. Quanto mais tecnologia, mais precisão e detalhamento do tempo serão necessários.

O controle do tempo é um fator determinante no plano de aula. No IF-SC, dentro do programa E-Tec, os professores chamam o plano de aula de plano instrucional. Segundo o coordenador do programa, a diferença entre o plano instrucional do E-Tec para uma plano de aula presencial é o nível de detalhamento. Em entrevista, um dos professores relatou que a experiência com o plano instrucional foi muito positiva e, por isso, ele pretende implantar essa metodologia de trabalho no ensino presencial.

No IF-SC a convergência dos elementos estruturantes do ensino a distância com os do ensino presencial estão se convergindo como demonstrou os resultados da pesquisa feita.

3. E-Tec e ensino presencial – convergências de experiências no Instituto Federal de Santa Catarina

Iniciou-se a pesquisa com a motivação em compreender as mudanças que estão ocorrendo com a educação e que tem como combustível as TICs. Colocou-se no enfoque o E-Tec e o ensino técnico presencial no IF-SC- Campus Florianópolis por ter professores lecionando nas duas modalidades e, portanto, com possibilidades de fazer interagir as metodologias próprias a cada uma delas. De um lado o E-Tec, representante da EaD e modelo de integração das TICs na educação profissional de nível médio; do outro, o ensino presencial, também representante da educação técnica profissional e gerador de tecnologias, mas reservado e cauteloso quanto ao uso das TICs como recurso didático.

Atualmente o Campus Florianópolis oferece pela UAB cursos superiores e pós-graduação; pelo E-Tec oferece o curso Técnico de Informática para a Internet. Escolheu-se este último para ser pesquisado porque é enquadrado como curso técnico de nível médio. Os cursos técnicos de nível médio, sozinhos, compreendem mais de 50% do total de cursos ofertados no Campus Florianópolis.

O critério utilizado na escolha dos sujeitos foi o de ter professores que vivenciassem as duas modalidades de ensino, EaD e presencial, uma vez que o objetivo do trabalho foi o de verificar, na visão desses sujeitos, como está ocorrendo convergência de tecnologias e práticas pedagógicas entre elas. Foram elaborados dois instrumentos de coleta: a) entrevista semi estruturada com cinco questões direcionadas ao coordenador; b) questionário com dez questões abertas direcionadas aos docentes. O trabalho pretendeu conhecer quais as respostas para a seguinte questão: como essas duas modalidades de ensino, presencial e a distância, estão conversando, convergindo e se relacionando no interior dessas instituições.

As informações extraídas, tanto da entrevista como dos questionários, não podem ser generalizadas. A amostragem, mesmo em âmbito institucional, é pequena e não é numericamente expressiva para se aferir resultados quantitativos. Contudo, elas são consistentes em conteúdo, fato que valida às reflexões extraídas da pesquisa bibliográfica.

Pode-se observar que o E-Tec, e de forma geral a EaD, são multiplicadores de novas experiências com as TICs no ensino presencial do IF-SC. A iniciativa parte espontaneamente dos professores, ganha formato institucional e com ela nascem novas necessidades: equipe técnica especializada (editores de vídeo, web designers, roteiristas) controle mais eficiente do tempo; planejamento instrucional, diálogo mais freqüente com a equipe pedagógica.

Nos depoimentos, os professores sinalizaram que a experiência na EaD revelou novas possibilidades de uso das TICs no ensino presencial. Computadores, internet, vídeos, televisão, projetores não são novidades para o IF-SC, mas o emprego delas no ensino presencial passou a ter outra importância com o início dos programas federais de EaD. Pode-se dizer que os programas, UAB e E-Tec, foram divisores de água quanto ao uso e aplicação das TICs no ensino técnico profissionalizante. Em síntese, pelo que observou-se, a convergência de experiências entre EaD e ensino presencial acontecem no IF-SC sob três categorias:

a) convergência de tecnologias: uso do e-mail, chat, fórum, vídeo aulas, web aulas e aplicação do Moodle como ambiente virtual de aprendizagem;

b) convergência de métodos ou práticas: plano instrucional, melhoria na qualidade do material didático (impresso ou digital), revisão mais criteriosa do material didático (impresso ou digital), elaboração das avaliações (provas, trabalhos, etc) com mais antecedência, controle eficiente do tempo e promoção do diálogo multidisciplinar.

c) convergência de concepções pedagógicas: mudanças no papel do professor (professor deixa de ser transmissor e passa a ser mediador), promoção da didática do “aprender a aprender”, exigibilidade do aluno autogestor (com mais autonomia para estudar sozinho na Internet).

É fato que no cotidiano institucional, essas categorias não convergem separadamente. Chama atenção o fato de que com essa convergência não necessariamente o trabalho docente ficou ou ficará mais simples. Do professor é exigido novas habilidades e mais qualidade nos materiais didáticos. No entanto, o professor ainda não está sendo contemplado com o benefício da flexibilização do tempo e espaço, característica principal da EaD.

De maneira geral, os fundamentos teóricos desta pesquisa sinalizaram para um cenário de múltiplas situações que poderão advir com a evolução da EaD e da convergência de suas práticas e tecnologias para o ensino presencial. Algumas dessas situações já são sentidas no momento atual.

O IF-SC, embora seja um instituição pública, sem fins lucrativos, não está imune aos efeitos de todas essas mudanças, sinalizadas pelo cenário tecnológico atual. Verifica-se que no IF-SC a convergência de experiências entre a EaD e o ensino presencial está acontecendo, em virtude disso, sugere-se alguns aspectos que devem ser exaustivamente discutidos e debatidos no âmbito institucional com seus profissionais, são eles:

1- mudanças no papel docente: o discurso de que o papel do professor está mudando com a chamada sociedade da informação encontra muito respaldo nos



agentes promotores da EaD (professor mediador, professor animador, professor gestor e outras denominações). Entretanto, outras visões, isentas de euforia tecnológica e da influencia de mercado, devem ser trazidas para o debate e delas extrair as que de fato contribuem para a melhoria da educação;

2- substituição do professor: a substituição do professor por sistemas informatizados ou por mão de obra mais barata não é apenas uma previsão alarmista, ela já ocorre e, portanto, deve-se manter os debates sobre essa questão que na verdade distorce a importância do uso das TICs na educação;

3- Precarização do trabalho docente: ficou claro que as TICs trazem benefícios para o ensino presencial e ao mesmo tempo exigem novas habilidades e mais dedicação do professor. Portanto, como disse um dos entrevistados, não basta estimular o uso, é necessário oferecer bons equipamentos e amplo suporte pedagógico. Além disso, é necessário que os benefícios da flexibilização do tempo e espaço sejam estendidos também ao professor;

4- Absorção de novas TICs no ensino presencial: o IF-SC é uma instituição promotora de novas tecnologias, entretanto, ela deve se manter seletiva quanto ao uso no ensino das novidades lançadas pela indústria. O mercado das inovações tecnológicas está ávido para vender suas soluções, mas a busca pela melhoria do ensino presencial deve ser tratada no âmbito pedagógico e isento de influências do mercado;

5- Melhoria no rendimento escolar: é prematuro dizer que o emprego das TICs é, por si, responsável por melhoria do rendimento escolar. Para determinar se as TICs podem ajudar no rendimento escolar, o *efeito novidade* deve ser descartado. As instituições devem estar atentas e solícitas a pesquisar a continuidade dos resultados do emprego a longo prazo; esses é que podem responder se a aprendizagem está melhorando com o emprego das TICs;

É interessante apontar que o que faz a diferença na melhoria da qualidade do ensino não é a tecnologia, mas sim a destinação ou uso que o professor faz dela. Um artefato tecnológico pode ser bem usado e potencializado como ferramenta didática e trazer bons resultados, mas, com o tempo, logo outro artefato irá substituí-lo. A experiência do professor e sua sabedoria, estas sim, ficam e são eternizada pelo seus alunos.

É importante ainda discutir que as TICs, responsáveis por mudanças significativas nas relações sociais, são resultados do trabalho social e que, portanto, no modo de produção capitalista, se configuram como uma mercadoria, sujeita a lei do mercado e não disponível para todos.

Entendendo-a dessa maneira, evitam-se as previsões propagandistas, aquelas que anunciam um futuro sem problemas, igualitário e as tecnologias como sendo a solução para todos os males. Se assim o fosse, da revolução industrial até o momento atual, os avanços técnicos acumulados pela humanidade já teriam dado conta das misérias sociais.

É com essa preocupação que Paraskeva (2001, p84) nos alerta de que “a virtualidade certamente não resolverá algo que, de todo, não tem nada de virtual. Pelo

contrário, desigualdade e injustiças são bem reais e têm sido o mote impulsionador de muitas das conturbações sociais”. No que tange a educação, seu alerta é ainda mais enfático: “Esta educação alternativa representa um abalo social mais perigoso que o anterior, até porque se assenta num pressuposto erroneamente interpretado de tecnologia.”(2001, p.84).

Para Paraskeva (2001), entende-se como educação alternativa os projetos de escolas que tem como base curricular a *world wide web*. Ele não discrimina EaD de educação presencial. Seu alerta é que, independente das mais variadas denominações, a educação baseada na *world wide web* deve ser cercada de um olhar mais crítico, para além do simples entendimento técnico.

Concluí-se, portanto, que, de maneira geral, o cenário atual aponta para múltiplas situações que poderão advir com a evolução da EaD e da convergência de suas práticas e tecnologias para o ensino presencial. No entanto, a importante convergência das metodologias não dispensam um grande debate sobre as questões sociais implicadas na simples adoção técnica de seus métodos.

4. Referências

ALVES, J.R.M. A História da EAD no Brasil. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (Org). *Educação a Distância: o estado da arte*. São Paulo: Person Education do Brasil, 2009.

KOSLOSKY, M. A. N.. *E-Escola: um modelo de comunidade virtual de aprendizagem*. 2004. 297 p. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

LUCENA, C.; FUKS, H.. *A educação na era da Internet*. Rio de Janeiro: Clube do Futuro, 2000. 160 p.

LUZZI, D. A. *O papel da educação a distância na mudança do paradigma educativo: da visão dicotômica ao continuum educativo*. 2007. 415 p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MOREIRA, M. G.. A composição e o funcionamento da equipe de produção. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (Org.). *Educação a Distância: o estado da arte*. São Paulo: Person Education do Brasil, 2009. cap. 51 p.370-378.

NUNES, I. B.. A história da EAD no mundo. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M.(Org.). *Educação a Distância: o estado da arte*. São Paulo: Person Education do Brasil, 2009.

PARASKEVA, J. M. *Curriculum.com: a extrema-unção (neoliberal) à escolarização pública*. 2001.(série Educação e Realidade)



PEIXOTO, J. Tecnologia na Educação: uma questão de transformação ou de formação?
In: GARCIA, D. M. F.; CECÍLIO, S.(Org.). *Formação e profissão docente em tempos digitais*. Campinas: Alínea, 2009.

ROSÁRIO, P.; NÚÑEZ, J; PIENDA, J. *Cartas do Gervásio ao seu umbigo: comprometer-se com o estudar na universidade*. Coimbra: Almedina, 2006.

TORI, R.. Cursos híbridos ou blended learning. In: In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (Org.). *Educação a Distância: o estado da arte*. São Paulo: Person Education do Brasil, 2009.